



NARRATIVAS SOBRE O TRABALHO DOCENTE E PRÁTICAS ESCOLARES INCLUSIVAS

Mylena Hilário Pinto ^{1*} Estudante (IC), Marlene Barbosa de Freitas Reis ² Pesquisadora (PQ)

¹Graduanda do curso de pedagogia, pela Universidade Estadual de Goiás, Unidade de Inhumas. Bolsista de Iniciação Científica da UEG - PIBIC/UEG no período de 2019 à 2020. Pesquisa sobre inclusão. mylena_hilariop@hotmail.com.

² Professora do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás, Unidade de Inhumas. Pesquisa sobre Inclusão.

Av. Araguaia, 400 – Vila Lucimar, Inhumas – GO, 75400-000

Resumo:

Este texto apresenta reflexões decorrentes do projeto de pesquisa - Diversidade e Inclusão: Desafios e Perspectivas na Educação -, vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Diversidade e Inclusão (GEPEDI) da Universidade Estadual de Goiás-UEG, Unidade Inhumas. O objetivo deste trabalho foi refletir acerca do trabalho docente e suas limitações em relação à educação inclusiva na rede municipal de ensino público de Damolândia a partir das percepções dos professores e das mães de alunos com deficiência. A metodologia de pesquisa utilizada possui viés qualitativo. Para tanto, inicialmente, realizou-se uma pesquisa bibliográfica em autores que tratam da inclusão, como, Mantoan (2003; 2017), Pinto e Sobral (2017), Reis (2013); e, da pesquisa narrativa em Sahagoff (2015), Clandinin e Conelly (2015). Em seguida, realizou-se uma pesquisa narrativa com duas professoras regentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede regular pública e duas mães de alunos com deficiência. Os resultados apontam que a presente pesquisa possibilitou reflexões importantes sobre a inclusão escolar com ênfase na prática pedagógica dos professores e sua formação continuada, permitindo, também, que fosse estabelecido um significativo diálogo entre as narrativas dos professores e das mães de alunos com deficiência.

Palavras-chave: Inclusão. Vivências. História de vida.





Introdução

Este texto apresenta reflexões decorrentes do projeto de pesquisa - Diversidade e Inclusão: Desafios e Perspectivas na Educação - vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Diversidade e Inclusão (GEPEDI) da Universidade Estadual de Goiás – UEG, Unidade Inhumas. Tem como objetivo analisar o processo de inclusão sob a perspectiva do trabalho pedagógico realizado com enfoque tanto nas necessidades educacionais especiais no contexto educacional regular de ensino e seus principais atores. Para isso, esse grande projeto contou com desdobramentos da Iniciação Científica no âmbito da graduação (contendo dois planos de trabalho) e da Iniciação Científica Júnior no âmbito do Ensino Médio (também com dois planos de trabalho). Neste artigo apresentamos um dos eixos desenvolvidos que teve como intenção discutir acerca do trabalho docente e suas limitações em relação à educação inclusiva na rede municipal de ensino público de Damolândia a partir das percepções de professores e mães de alunos com deficiência.

Para tanto, nos pautamos em diálogos com alguns autores que tratam da inclusão, como Amaral (1998), Mantoan (2003; 2017), Reis (2013), Tossato e Portilho (2014), Sahagoff (2015), Clandinin e Conelly (2015), Santos e Reis (2016), Pinto e Sobral (2017), Rocha e Reis (2020), Pinto e Cândido (2020), Santos (2020). Discutimos, ainda, sobre o papel do professor no contexto inclusivo, a formação continuada e as percepções a partir das narrativas de mães de pessoas com deficiência e de professoras regentes em salas de ensino regular.

A inclusão é uma maneira de respeitar as diferenças, de conhecer e reconhecer o outro, é dar direito à cidadania no âmbito escolar e fora dele, é poder conviver e compartilhar com pessoas diferentes, desta forma aprendendo juntos. Em consonância com Mantoan (2003, p.12) “a inclusão é uma saída para que a escola possa fluir, novamente espalhando sua ação formadora por todos os que dela participam”. É inevitável a percepção de que a educação inclusiva, no modelo da atualidade, é um grande desafio tanto para os professores como para os pais, pois os obriga a reverem seus métodos de ensino, suas concepções sobre a cultura, suas abordagens políticas e suas estratégias pedagógicas.





Assim, tendo em vista a necessidade em reconhecer a inclusão de pessoas com deficiência no ambiente educacional, fundamentamos esse trabalho a partir da seguinte questão: Quais são as percepções e vivências de professores da rede pública e de mães da cidade de Damolândia – GO em relação à inclusão dos alunos com deficiência? Nesse sentido, o objetivo geral foi analisar a partir de narrativas de professoras e de mães de filhos com deficiência, situações vivenciadas na trajetória educacional; quais fatores interferem, facilitam e\ou dificultam a realização de práticas inclusivas nas escolas regulares.

Material e Métodos

A metodologia utilizada é qualitativa. Para tanto, inicialmente, realizamos uma pesquisa bibliográfica de autores e documentos que tratam de assuntos relacionados à formação docente e ao papel do professor na educação inclusiva. Essa ação foi realizada, juntamente, com a pesquisa narrativa por acreditar que a mesma “deve ser entendida como uma forma de compreender a experiência humana” (SAHAGOFF, 2015, p.1).

A pesquisa narrativa ocorreu com duas professoras regentes dos anos iniciais do ensino fundamental da rede regular pública e duas mães de alunos com deficiência a fim de compreender as reflexões das professoras e das mães pesquisadas, suas maneiras de lidarem com a realidade da inclusão a partir de suas ações e interações. Segundo Clandinin e Connelly (2015, p. 18), “uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores”.

Vale ressaltar que, infelizmente, em função da pandemia não foi possível fazer a pesquisa de forma presencial. Em relação às dificuldades vivenciadas nesse período, Santos (2020, p. 14), pontua que “qualquer quarentena é sempre discriminatória, mais difícil para uns grupos sociais do que para outros”. Diante disso, optamos por utilizar das tecnologias, elaborando estratégias que viabilizassem o processo de pes-





quisa. Portanto, nossa escolha foi o aplicativo de *WhatsApp*, por meio do qual enviamos as perguntas para as mães e professoras, que também responderam pelo aplicativo de mensagens.

As participantes da pesquisa foram duas mães e duas professoras da rede de educação de Damolândia, Goiás. Uma é mãe de criança autista, que possui nove anos de idade e é estudante da rede regular de ensino, denominada aqui de mãe A. A outra é mãe de uma pessoa com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e deficiência intelectual leve, que possui vinte e dois anos e já concluiu o ensino básico, aqui denominada de mãe B. As professoras são regentes em salas de aula da educação pública: uma delas tem oito anos de experiência na educação básica e atualmente é professora regente do 4º ano, aqui denominada professora A; e, a outra, tem trinta e dois anos de experiência na educação básica e atualmente é professora do 1º ano, aqui denominada professora B.

Resultados e Discussão

Segundo Mantoan (2017) é imprescindível uma transformação da escola, uma vez que esta deve buscar a inclusão para todos os alunos, garantindo a participação e permanência destes nesse espaço. Corroborando das concepções dessa autora acerca da inclusão, Reis (2013) defende que é preciso um novo olhar em relação às pessoas com deficiência e que o respeito deve se fazer presente no que se refere aos estereótipos criados com a diferença.

Inicialmente, levantamos questões que tratavam sobre as percepções e vivências relacionadas à inclusão e, principalmente, à inclusão escolar. Para isso, levamos em consideração as percepções de Pinto e Cândido (2020), que afirmam que as pessoas com alguma deficiência, como os demais cidadãos brasileiros, têm o direito de ir à escola assim como em qualquer ambiente educacional para que possam construir conhecimentos em todas as modalidades do ensino formal.

Além das reflexões de caráter teórico a partir dos autores já citados, estudamos a Política Nacional de Educação Especial – PNEE (2008), dentre outros referenciais relevantes para o desenvolvimento da pesquisa.





Para a pesquisa narrativa elaboramos questões direcionadas às duas mães e professores, que tratavam de suas experiências e dificuldades relacionados à inclusão, tanto dos alunos quanto dos filhos das participantes da pesquisa. Assim, elas responderam narrando suas histórias sobre como vivenciaram a inclusão de alunos/filhos com deficiência no contexto educacional.

Nas questões iniciais que tratam sobre a importância da educação continuada e sobre buscar novos conhecimentos, as docentes concordam que é muito importante. Destacamos, aqui, a fala da professora A que diz, “é de grande relevância estar sempre procurando por novos conhecimentos, porque sempre há teorias que não conhecemos e que podem nos levar a melhorar nossas práticas nas salas de aulas”. Em conformidade com essas narrativas, para Santos e Reis (2016, p. 340) “é essencial que os professores se mostrem abertos para novas formações [...] À medida que ampliam seus conhecimentos os docentes podem realizar um trabalho pedagógico com vista à efetivação da Educação Inclusiva”.

Questionamos às professoras como foi o primeiro contato com alunos com deficiência e o que fizeram para incluí-los em sala de aula. Para ambas (professora A e B) o primeiro contato foi de susto, já que os alunos eram agitados e para manter o “controle”, conforme suas narrativas, era complicado. A professora A diz que para “incluí-los utilizou da escuta sensível, buscando entender o comportamento do aluno e buscando caminhos para a inclusão do mesmo”. Conforme Pinto e Sobral (2017, p.151), “esta escuta se apresenta como um modo de aceitar-se, aceitando o outro a partir de uma atitude generosa, e isto se faz possível na reflexão e no desapego das próprias verdades”. Já a professora B, referente à questão do que fez para incluir os alunos em sala de aula diz que: “nos momentos das crises sempre propunha uma brincadeira, uma passeio, um jogo, ou seja atividades diferentes da que estavam realizando”. De acordo com Tossato e Portilho (2014, p.160), “ao brincar, a criança dá uma nova ordem às coisas, trazendo simultaneamente o vivido e o novo, construindo cultura, refletindo e refratando a realidade na qual está inserida”.

Ao questionar às mães A e B quais foram as dificuldades enfrentadas por seus filhos, quando estes começaram a estudar, as duas narraram que a interação e a socialização com os outros colegas era o maior impasse que enfrentavam. Em um





dos relatos a mãe B (mãe de uma pessoa TDAH e deficiência intelectual leve) diz que os “colegas não viam sua filha como capaz de desenvolver algumas tarefas ou como pertencente ao grupo”. Segundo Amaral (1998):

[...] a presença de preconceitos e a decorrente discriminação vivida, ainda com mais intensidade, pelos significativamente diferentes, impedindo-os, muitas vezes, de vivenciarem não só seus direitos de cidadãos, mas de vivenciar plenamente sua própria infância (AMARAL, 1998, p. 12).

Observamos a partir das narrativas das mães A e B que, mesmo com as leis e cobranças de uma formação continuada dos professores, a inclusão ainda deixa a desejar nas escolas regulares, segundo as mães, devido à itinerância de professores de apoio e a falta de profissionais qualificados. Dessa forma, a pergunta (se a inclusão acontece de fato nas escolas regulares) foi feita para as professoras A e B que também concordam com as mães enfatizando que apesar de acreditarem que a inclusão nas escolas regulares teve avanços, as mesmas acreditam que ainda não é o suficiente, dizendo que é preciso mais apoio do governo e formação continuada dos docentes. Condizente com essas narrativas, o documento subsidiário à política de inclusão, nos diz que

[...] existe um consenso de que é imprescindível uma participação mais qualificada dos educadores para o avanço desta importante reforma educacional. O “despreparo dos professores” figura entre os obstáculos mais citados para a educação inclusiva, o qual tem como efeito o estranhamento do educador com aquele sujeito que não está de acordo com “os padrões de ensino e aprendizagem” da escola (BRASIL, 2005, p. 28, grifos do documento).

A pesquisa narrativa é algo que emociona e, segundo Rocha e Reis (2020, p. 885), “todos nós possuímos uma história e contá-la significa lembrar ou relembrar acontecimentos”. Ao serem perguntadas de como foi a reação ao receber a notícia de que seu filho tem deficiência, as mães A e B disseram que foi como perder o chão, um momento de aflito, assim como narra a mãe A (mãe de criança autista, com nove anos de idade) “a primeira reação que eu tive foi de desespero e angústia, pois não é fácil receber uma notícia dessas quando não se tem preparo e nem de tal deficiência. Há 6 anos quando eu descobri, não se falava tanto de autismo como nos dias de hoje”.





Sobre a última questão, que pedia suas recomendações, as mães deixaram sugestões sobre o que os professores e as escolas poderiam fazer para que a inclusão ocorresse de forma mais efetiva. A mãe A pontuou que é preciso “criar ações junto com os professores, diretores, alunos, família, profissionais de saúde para que cada aluno com deficiência chegue o mais próximo da escolarização. Colocar profissionais qualificados na inclusão para que acompanhe o aluno em sala de aula.” E, a mãe B mencionou que todos tratem os alunos “especiais” de maneira espontânea e igualitária, pois isso evitaria preconceitos na sala de aula”.

Considerações Finais

A partir das narrativas das professoras e mães, notamos que a rede municipal de ensino em Damolândia tem melhorado com o passar dos anos. Isso é perceptível por meio das falas das mães. Para esse entendimento, levamos em consideração as falas da mãe B que precisou utilizar de seu direito para que sua filha aprendesse o básico; e, a mãe A que o filho está estudando atualmente, e não precisou passar por esse mesmo episódio. Por isso, é importante destacar que a partir dos estudos de inclusão cada ser é único, assim como suas vivências e interações, mas que fica claro que a postura de todos os envolvidos tem melhorado diariamente.

Por fim, a presente pesquisa possibilitou reflexões sobre a inclusão escolar, visando a atuação dos professores e sua formação continuada, dialogando com as narrativas de mães de alunos com deficiência. Esses fatores deram respaldo e esclareceram a relevância e justificativa desse estudo, buscando contribuir com as políticas públicas, com a formação continuada dos professores e com a perspectiva de uma educação inclusiva humanizadora.

Agradecimentos





Agradeço primeiramente a Deus, que me deu forças, sabedoria e o caminho certo a ser seguido, mostrando que o curso de Pedagogia é o curso certo para mim, me dando de presente participar da iniciação científica e aprender tanto sobre a importância da inclusão.

ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) – UEG, pela concessão da bolsa da iniciação científica e a Marlene, minha professora e orientadora, que foi e é tão incrível, sempre muito paciente e atenciosa, sempre nos ajudando, passando textos maravilhosos que nos ensinaram muito e sempre trazendo participações incríveis para discussões no GEPEDI, que enriqueceu ainda mais o nosso aprendizado.

Agradeço também as minhas colegas da Iniciação científica, Alana, Ana Beatriz e Mirella, que são pessoas extraordinárias que deixavam os encontros sempre muito leves e divertidos, pessoas que tem um futuro brilhante pela frente.

A minha família, em especial minha irmã Jessica Hilário que sempre esteve disposta a me ajudar, me deixando tranquila e me mostrando textos incríveis, alguns escritos por ela com participações.

Por último, mas não menos importante, na verdade pessoas que foram essenciais para minha pesquisa, as duas mães e as duas professoras, que foram maravilhosas, desde o começo por terem aceitado ao decorrer por contarem suas histórias, vivências e dificuldades, que deram um brilho a mais para meu projeto.

Referências

AMARAL, Lígia Assumpção. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. In: AQUINO, Júlio Groppa. **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Educação Inclusiva: documento subsidiário à política de inclusão**. Brasília: MEC, SEE, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. 05 de dezembro de 2008.

CLANDININ, D.J.; CONELLY, F.M. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Uberlândia: EDUFU, 2015.





MANTOAN, Maria Tereza Eglér. Inclusão, diferença e deficiência: sentidos, deslocamentos, proposições. **Inclusão Social**. Brasília, DF, v.10 n.2, p.37-46, jan./jun. 2017.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar**: o que é? por quê? como fazer?. São Paulo: Moderna, 2003.

PINTO, Jessica Hilário; CÂNDIDO, Gláucia Vieira. Inclusão escolar e nomenclaturas para pessoas com deficiência: Algumas reflexões com professores de Damolândia-Go. **Cadernos Gênero e Diversidade**, Salvador, BA, Brasil, v. 6, n. 3, p. 311-338, 2020.

PINTO, Jessica Hilário; SOBRAL, Osvaldo José. Uma escola para todos: possibilidades de inclusão por meio da escuta sensível. **REVELLI** v.9 n.2. Junho/2017. p. 142-161. ISSN 1984 – 6576. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revelli/issue/view/342>. Acesso em: 2 fev. 2021.

REIS, Marlene Barbosa de Freitas. **Política pública, diversidade e formação docente**: uma interface possível. 2013. 278 f. Tese (Doutorado em Ciências, em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento). Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

ROCHA, Leonor Paniago; REIS, Marlene Barbosa de Freitas. A pesquisa narrativa em educação especial. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v.15, n. esp. 1, p.884-899, maio 2020.

SAHAGOFF, Ana Paula. Pesquisa Narrativa: uma metodologia para compreender a experiência humana. **XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação – SEPesq** Centro Universitário Ritter dos Reis. 2015. Disponível em: https://www.uniritter.edu.br/files/sepesq/arquivos_trabalhos/3612/879/1013.pdf
Acesso em: 10 set. 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Almedina, 2020.





SANTOS, Thiffanne Pereira; REIS, Marlene Barbosa de Freitas. A formação docente na perspectiva da educação inclusiva. **Travessias** (UNIOESTE. Online), v. 10, n. 02, p. 330-344, ago, 2016. Disponível em: <http://erevista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/13835>. Acesso em 06 jul. 2019.

TOSSATO, Carla. PORTILHO, Evelise Maria Labaut. A criança e a infância sob o olhar da professora de educação infantil. **Educação em revista**, Belo Horizonte. V. 30, nº03. Julho-set, 2014.

